

## PLANO DE AULA

**1. TEMA:** Há Muitas Moradas na Casa de Meu Pai

**2. OBJETIVO :** A criança tomará conhecimento de que Jesus revelou a existência de outros mundos habitados, além da Terra, onde existe vida, e que os Espíritos transmigram de um mundo a outro.

**3. BIBLIOGRAFIA:**

Jo, 14: 1 a 3, 14: 15 a 17 e 26

ESE, cap. 3; LE, 55 a 58, 172 a 188

A Caminho da Luz (Emmanuel / F. C. Xavier), caps. 3, 7 e 25; Nosso Lar (André Luiz / F. C. Xavier); Fonte Viva (Emmanuel / F. C. Xavier), cap. 44

**4. AULA:**

**a) Incentivação inicial:** Interrogatório.

O Evangelizador perguntará às crianças se as pessoas, ao tempo de Jesus, sabiam da existência de outros planetas. Por certo responderão negativamente. Chamará a sua atenção para a revelação sobre outros mundos feita por Jesus. Depois perguntará: por que teria o Mestre tocado nesse assunto, se ele era carpinteiro e não astrônomo?

**b) Desenvolvimento:** Exposição dialogada.

Sabemos que os Egípcios tinham conhecimentos avançados de astronomia e que os Gregos sabiam da redondeza da Terra, conheciam a medida da sua circunferência, a distância da Terra à Lua, ao Sol, etc. Esses conhecimentos não tiveram divulgação e o povo em geral acreditava, até a Idade Média, que a Terra era plana e se situava no centro do Universo. Pensavam que tudo, inclusive o Sol, girasse em torno do nosso pequeno mundo!

Jesus, por certo, não quis dar aulas de astronomia, mas afirmou que existem outros mundos e, mais, que esses mundos são habitados: "Há muitas moradas na casa de meu Pai" (Jo, 14: 2), disse o Mestre, embora não fosse entendido àquela época. Ele fez essa revelação sabendo naturalmente que não a compreenderiam, por isso mesmo prometeu que pediria ao Pai enviar outro Consolador, dizendo: "Mas aquele Consolador, que o Pai enviará em meu nome, esse vos ensinará todas as coisas, e vos fará lembrar de tudo quanto vos tenho dito." (Jo, 14: 15 a 17 e 26).

A afirmativa de Jesus a respeito de outros mundos habitados ficou no Evangelho de João, sem explicação, nem comentários por parte dos teólogos das várias correntes cristãs, até o surgimento da Terceira Revelação, o Espiritismo, que realmente relembra, dentre muitas outras coisas, esse ensinamento de Jesus e dá-lhe explicação, à luz da Ciência, pois a astronomia revelou a existência de outros sóis e planetas, em quantidade que escapa à nossa compreensão.

Hoje, embora a Ciência ainda não reconheça oficialmente a existência de vida em outros planetas, ninguém, a não ser pelo ranço religioso, tem coragem de negá-la.

Por que teria Jesus revelado a existência de outros mundos habitados? Não foi o Mestre o grande evangelizador, a maior expressão espiritual que a Terra conheceu em todos os tempos? Por que viria ele falar de astronomia?

Ao revelar a existência de outros mundos, ampliou a própria concepção que se tinha de Deus, que era visto como um deus terrestre, a bem dizer um soberano do nosso mundo. Jesus, ao falar em outros mundos, mostrou que também esses são governados pelo mesmo Deus, visto ser Ele único. Ora, se Ele é único, deve ocupar-se também com os outros mundos, logo não pode ser "aquele velhinho sentado num trono reluzente a governar a Terra, aguardando o dia do Juízo Final, para colocar os bons à sua direita e os maus à sua esquerda", conservando os primeiros no céu e mandando os segundos para o Inferno, conforme ensinam algumas religiões.

O Consolador prometido por Jesus veio explicar a utilidade desses outros mundos, como morada de Espíritos de variados graus evolutivos, tanto aqueles que estão abaixo do nosso, quanto outros que se encontram acima do nível de evolução em que nos encontramos. Do mesmo modo que o aluno frequenta determinada escola que esteja à altura do seu adiantamento, o Espírito se

Depois de haver contado a parábola, o Evangelizador deverá incentivar as crianças a comentá-la, perguntando-lhes, por exemplo, quais os pontos que mais lhes chamaram a atenção, aduzindo, ao final, alguns comentários como os que se seguem:

A parábola encerra vários ensinamentos e não deve ser enfocada apenas no que se refere à ingratidão do filho que, não valorizando os bens que seu pai generosamente colocou-lhe nas mãos, esbanjou tudo. Em verdade, ele errou, mas reconheceu o erro, o que é muito importante. Reconheceu o erro, mas ~~apenas se~~ lamentando. Teve uma atitude de coragem e de humildade, retornando ao lar paterno, agora enriquecido com a sua experiência pessoal, haurida no sofrimento, pois diante da necessidade, da fome, começou a dar valor àquilo que tivera no lar paterno e que desprezara.

Por essa parábola, vê-se que se fosse apenas aplicada a justiça, o pai não deveria receber de volta o filho, pois já lhe havia dado tudo aquilo a que tinha direito. Ele não poderia reclamar mais nada. É assim que raciocinam e agem aqueles que se apegam ainda à lei do “olho por olho, dente por dente”.

Mas, o pai daquele jovem, que poderia tê-lo repellido, acolheu-o. E acolheu-o com alegria. Nessa atitude paterna, Jesus ensina, de forma notável, perdão, a misericórdia, a alegria de um pai ao ter de volta seu filho que se havia perdido. Deixa o Mestre ali, um forte exemplo contra a idéia terrível das penas eternas. Deixa um verdadeiro desmentido àqueles que teimavam e outros que teimam ainda hoje em colocar Deus como um juiz inflexível, capaz de condenar seus filhos ao sofrimento eterno, às penas do Inferno. Se Jesus mostra um pai terreno agindo com benevolência e misericórdia em relação ao filho que reconhece ter pecado contra ele, quanto mais não fará o Pai Celestial? Pode a misericórdia de um homem ser superior à misericórdia de Deus?

A parábola alerta também quanto aos sentimentos inferiores que animaram o outro filho, aquele que permaneceu em casa. Ele não se alegra como o pai. Ao contrário, na demonstração de inveja, de egoísmo, de sovinice, contraria a vibração de alegria e de amor que envolve seu pai e a todos da casa, mandando revoltado contra a generosidade paterna. Critica-o duramente por ter-se tocado de compaixão e usado de benevolência e misericórdia com o seu irmão.

De que valeu ao filho mais velho aquele tempo que permaneceu junto do pai – homem generoso e justo –, se não aprendeu-lhe as lições de bondade? Agindo assim, ele se revela interesseiro, egoísta. Tudo indica que ficou com o pai por interesse na herança, e que agora, vendo o irmão voltar sem nada, ficou com receio de que o pai dividisse de novo os bens, embora o irmão tenha pedido ao pai, humildemente apenas a condição de empregado, de simples diarista (jornaleiro, como ele diz) “Já não sou digno de ser chamado teu filho; faze-me como um dos teus jornaleiros.”

Emmanuel, ao comentar a atitude dos dois irmãos, diz “Esse tipo de homem egoísta é muito vulgar no quadros da vida. Ante o bem-estar e a alegria dos outros, revolta-se e sofre, através da secura que o aniquila e do ciúme que o envenena. Lendo a parábola com atenção, ignoramos qual dos filhos é o mais infeliz, se o pródigo, se o egoísta, mas atrevemo-nos a crer na imensa infelicidade do segundo, porque o primeiro já possuía a bênção do remorso em seu favor.” (Pão Nosso, cap. 157).

### c) Fixação e/ou avaliação: Diálogo.

O Evangelizador fará a avaliação através de perguntas, como as sugeridas abaixo, na parte final da aula, ocasião em que fará também a fixação, dando ênfase aos pontos mais relevantes da lição:

Foi corajosa ou covarde a decisão do moço ao voltar à casa paterna.?

Qual dos irmãos era mais infeliz?

Se o pai dos moços se baseasse apenas na justiça, teria recebido o filho de volta?

Por que o pai mandou fazer uma festa?

Foi egoísta a atitude do irmão mais velho?

Qual a atitude mais educativa do pai: deixar o filho na miséria, para aprender, ou dar-lhe nova oportunidade?

Através dessa parábola, o que Jesus ensinou a respeito das penas eternas?

### d) Material didático: \_\_\_\_\_